

**Elogio do senhor marquez de Penalva.  
12 Julho 1789.**

IAN/TT (Instituto dos Arquivos Nacionais/Torre do Tombo, Lisboa), Arquivos Particulares, Abade Correia da Serra, Caixa 2B, A 39.

4 f.

Elogio do senhor marquez de Penalva  
12 de Julho de 1789.

Manoel Tellez da Silva 2º marquez de Penalva, 6º Conde de Villarmayor, senhor de Alegrete, Tarouca, Penalva, Gulfar, Lalim, Lazarim, alcaide-mòr de Albufeira, commendador de Albofeira, S. João de Moura, e de Rio Mayor na Ordem Aviz, de Alegrete, Soure, Mortinhas, Porto de Móz, Montegrasso, e de Couleles na Ordem de Christo, gentilhomen da Camara de Sua Magestade, deputado da Junta dos 3 Estados, prezidente da Junta do Tabaco, socio honorario desta Academia, nasceo em Lisboa a 23<sup>1</sup> de Fevereiro de 1727, de Fernão Tellez da Silva 4º marquèz de Alegrete, e da marqueza D. Maria de Menezes, filha dos 4os condes de Tarouca.

Qual Portuguez ignora que illustre ascendencia este nascimento lhe trouxe. Não hê preciso revolver archivros pera conhece-la<sup>2</sup>. A Historia da Nação basta pera instruir o publico e me dispensa de entrar agora em mais particularidades.

Trouxe-lhe porem esta nobre linhagem<sup>3</sup> huma ventagem que nem sempre acompanha a grande fidalguia, o exemplo do amor das letras perpetuado por varias gerações na sua familia. As imagens destes maiores são huma illustração das letras a que não hê licito callar na Academia das Sciencias<sup>4</sup>. Alem do lustre que dão ao socio cuja memoria honramos, hê divida das Letras distinguir aquelles que as distinguirão.

O primeiro marquez de Alegrete terceiro avou do senhor marquez entre as distracções da guerra, do Paço, das embaixadas, tinha cultivado as letras, com mais disvelo e applicação do que o vulgo concede aos grandes. Não sò as cultivou, mas transfundio o mesmo gosto nos seus descendentes, e ateou nelles como Prometeo este fogo do ceo, que nunca mais se extingio. Na Historia que nos deixou del Rey D. João II composta na flor da sua idade mostrou hum grande conhecimento dos classicos latinos, e da sã litteratura. E a escolha do rey de quem escreveo as acções, ao qual nenhuma relação de sangue, nenhum agradecimento de familia o podia ligar, faz

<sup>1</sup> O dia está rasurado. Consta no original 23, mas o 2 está cortado com um traço vertical que poderá ser o algarismo 1. Assim, o dia tanto pode ser 3, 13, ou 23. Contudo «Penalva, (Marqueses de)», *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. XX, Lisboa/Rio de Janeiro, Editorial Enciclopédia, s. d., p. 947, dá como data de nascimento o dia 23 de Fevereiro de 1727.

<sup>2</sup> *conhecella*, no manuscrito.

<sup>3</sup> Correia da Serra tinha escrito e riscou *nobre linhagem*, escrevendo depois *serie ascendencia* tendo também riscado *ascendencia*. Parece mais inteligível a forma adoptada nesta edição.

<sup>4</sup> Esta é a redacção que Correia da Serra pretendeu como final, contudo o que originalmente escreveu e riscou foi: *As imagens destes maiores fazem huma illustração até na Republica das mais democratica, a Republica das Letras que não hê licito deixar em esquecimento a huma Academia das Sciencias*.

Transcrição: J. C. S. Jesus, 2004.

Referências: *Catalogue général des manuscrits des bibliothèques publiques de France* / Direction des bibliothèques de France. Tome LV, Paris, Bibliothèque centrale du Museum d'histoire naturelle (supplément) / par Yves Laissus, (Paris : Bibliothèque nationale, 1965), pp. 125-126.

prezumar a analogia do seu pensar e principios de obras com os daquelle principe de breve reinado, e de eterna lembrança, que melhor que ninguem penetrou o que era Portugal, o que erão os Portuguezes e o pera que o instincto da sua situação os destinava.

O famoso bispo de Elvas confidente del Rey D. João o IV, tio do 1º marquez de Alegrete, que na sua companhia e debaixo de seos olhos se criara deixou à posteridade exemplos que esta Academia publicará a seu tempo, da mais pura, mais inteira, e sã eloquencia, no meio do seculo, em que a mais corrupta era sò estimada. Os seus discursos nas duas ultimas Cortes, sobretudo del Rey D. João IV, são dignos de melhores tempos. Pode ser que a importancia das materias contribuisse a purificar o seu gosto. Hã um fundo de justiça no genero humano que o não dezempara até nos seus desvarios. Hè possivel que huma nação inteira escolha com preferencia os equivocos as metaforas as allegorias os anagrammas pera exercicio dos seus engenhos. Hè possivel que se persuada que este gosto hè o bom, e que os seus aplausos o fomentem, mas quando se trata de sacrificios penosos, quando a salvação publica ou particular dependem de huma rezolução, imediatamente a rezão recobra os seus direitos, e não hã ahì equivocos ou anagrammas que bastem para persuadir as mesmas pessoas que em toda a outra parte as admirarião. Taes forão as circunstancias em que este digno prelado fallou aos Portuguezes. Mas a solidez do seu juizo, a força energica da sua dialectica, as formas insinuantes e singelas da sua eloquencia, erão cabedal todo seu, e se o não tivesse de antemão adquirido, em vão<sup>5</sup> as circunstancias lhe offereceram ocasiões de mostra-lo<sup>6</sup>. Todas as outras obras de que o publico esta já de posse mostrão a sua lealdade pera com o seu Rey e a Patria, manifestos ao publico, cartas ao Papa, practicas aos povos, tudo tem por assumpto a defeza do seu Rey natural, e a independencia desta Coroa.

O 2º marquez de Alegrete, nos embaraços de huma vida activa entre serviço do Paço, Conselho de Estado, administração de Fazenda Real, embaixadas, soube ainda achar tempo não sò pera cultivar as Letras, mas para fomenta-las<sup>7</sup> com hum zelo, e huma paixão de que hã poucos exemplos, e elle deixou bastantes provas. Se não escreveu huma obra comparavel à que seu pay dera à nossa Litteratura, forão bem numerosas as producções menores que imprimio, e muito numerosas tãobem as que a sua protecção fez nascer. *Foy a sua casa o centro de reunião de todos os que entre nos amavão as Letras, como manifestão os livros que naquelle tempo sabirão*<sup>8</sup>. Nem era sò elle na sua familia que as cultivasse; o conde de Tarouca seu irmão celebre pelas suas negociações, celebre foy tãobem pelo seu talento poetico, e por huma cultura de espirito ainda alem do que aquellas idades permitião. *Hè com efeito triste a lembrança do estado da Litteratura naquelles tempos, ispidido e carrancudo era o aspecto das Sciencias, lastimosa a face das Letras. O espirito de sillogismo confundia as primeiras o espirito de sutilezas e de conceitos afeava as secundas*<sup>9</sup>, mas bem longe de isto diminuir o merecimento das personagens de que tenho a honra de fallar, realça ainda mais o seu valor. Que não terião feito pelos progressos do saber, os que ainda nesse estado que afugentava o resto da nobreza o cultivavão e o protegião, se em seus dias as sciencias e as letras se lhe tivessem apresentado ornadas de todos os attractivos<sup>10</sup> da sua natural formozura. Nem hè isto huma mera sospeita. Tão forte foy o impulso que o primeiro marquez de Alegrete soube imprimir nos seus a favor das Letras, que convertido em espirito de familia, veio a obrar despois da introducção de novos estudos até na formação desta mesma sociedade. Quando o amor da Patria e das sciencias ajuntou em hum corpo de voluntarios, que se offerecerão a servi-las<sup>11</sup>, apenas formados, vimos entre nòs

<sup>5</sup> *envão*, no manuscrito.

<sup>6</sup> *mostrallo*, no manuscrito.

<sup>7</sup> *fomentallas*, no manuscrito.

<sup>8</sup> Itálico nosso.

<sup>9</sup> Itálico nosso.

<sup>10</sup> *de todas as attractivas*, no manuscrito.

<sup>11</sup> *servillas*, no manuscrito.

dezaseis netos desta illustre personagem. Hum seu neto tem sido ate'gora o canal de todas as mercès que a nossa Augusta Soberana nos tem concedido, e elle as tem todas sollicitado. Vive, e a sua modestia me obriga a callar seos louvores, faça o Ceo que bem dilatados annos, o mesmo motivo imponha silencio às nossas obrigações.

O 3º marquez de Alegrete não se contentou com proteger e cultivar as Letras, passou a servi-las<sup>12</sup>; aceitou o lugar de Secretario perpetuo da Academia Real de Historia Portugueza. Nem foy este hum mero titulo na sua pessoa, fructo do seo trabalho foi a primeira producção daquella illustre sociedade, e o anno da sua morte, hê a data do ultimo volume que ella deu ao publico. Menos distrahido com cargos publicos do que os seus predecessores, o estudo ocupou a sua vida, e as pessoas instruidas forão a sua sociedade. Does homens raros em todo o tempo, e então unicos em Portugal, ambos creaturas de seu pay, ambos devendo toda a sua fortuna a esta caza, lhe forão agradavel e amiga sociedade e acreditão a penetração e a escolha dos seus protectores. Martinho de Mendonça de Pina de Proença fructo excessivamente temporão da Filozofia em nossas terras, e por isso menos celebrado entre nos do que por ventura elle merece, e Antonio Rodrigues da Costa profundo na Classica Litteratura, e no conhecimento dos antigos. Nesta sociedade, nestas occupações passou o senhor marquez a sua vida, e foy o Pomponio Attico da sua familia-luctus com as ondas civis, guerrear, viajar, negociar, escrever sobre a guerra com conhecimento de cauza, foy a repartição de seu irmão Thomas da Silva Telles, que no meio destas occupações achava tãobem tempo pera outros estudos, pois fructo das suas viajens foy a recuperação do mais importante manuscrito da nossa Historia Litteraria, a Bibliotheca de João Soares de Brito.

Este espirito herdado de familia foy a baze do character do socio que agora perdemos. A sua adolescência empregou-se em adquirir as linguas cultas de Europa e nos estudos da Filozofia da Historia da Poesia. Os annos da sua mocidade, passarão-se no serviço militar justo tributo que a nobreza deve pagar à patria, e se deixou esta occupação não foy de todo, porque passou a servir trinta annos na Junta dos 3. Estados.

Este tribunal tão respeitavel pela sua origem, proprio para trazer à<sup>13</sup> lembrança dos reinantes a grandeza da nossa lealdade, e à memoria dos Portuguezes, a energia das suas forças nacionaes pera se defender de jugo estranho, ao mesmo tempo que dava ao senhor marquez ocaziões de servir a Patria, deixava-lhe tempo pera seguir as suas inclinações e manifestar o seu genio.

A Natureza lhe tinha formado hum coração mite tranquillo e brando proprio para acolher sentimentos sociaes, proprio pera marido pera pay, pera parente e pera amigo. A educação lhe tinha influido gosto pera o estudo, vontade de exercitar o engenho, dezejo da conversação instruida. Ambos estes impulsos dirigirão o curso das suas acções, e formarão o total do seu character.

Quando ainda militar tinha impresso algumas poezias, tinha sido aggregado à Academia Real de Historia tinha publicado o elogio de D. Jozè Barboza. Despois que se vio pay de familia, a instrução de seus filhos foy todo o seu disvelo, e a direcção dos seus estudos a sua mais mimoza occupação. Não hê preciso sahir desta sociedade pera conhecer que o exito coroou os seus trabalhos.

Na instituição da Academia das Sciencias, concorreo o senhor marquez hum dos primeiros, e até ao fim da sua vida, não houve para nós ocazião alguma importante publica ou privada em que a sua prezença e o seu voto nos não viessem honrar.

Duas vezes fallou em publico nas nossas Assembleas, e em huma dellas leo a sua traducção do poema sobre a critica de Pope, poema cheio de grandes ideas, e que pòde ser-nos mui util no

<sup>12</sup> *servillas*, no manuscrito.

<sup>13</sup> *a*, no manuscrito.

estado actual da nossa Poesia.

Outras composições hã porem do senhor marquez bem superiores a estas pelo motivo, ainda que por ventura iguaes em versificação, as duas epistolas a seus filhos sobre os seus estudos rhetoricos e filozoficos. Não me deterei em fallar do merecimento poetico, certamente são dignos dos estudos do senhor marquez mas que fraco merecimento hê o de bem escrever à vista do motivo que inspirou estas composições à vista dos sentimentos que excitarão seu estro, são movimentos do coração os de hum pay, e os mais sagrados de toda a natureza, os que são fonte de toda a bondade moral e não rasgos de fantezia, que ainda mal que podem amalgamar-se com a maior perversidade de entranhas.

Não era sò pera com seus filhos que o senhor marquez mostrou hum character affectuoso, estendia-se este amor a todos os numerozos ramos da sua familia. Era impossivel ter com elle huma larga conversação, sem ouvir-lhe fallar com a maior complacencia nos seus parentes, contava com summo gosto as ocasiões em que os tinha visto juntos em grande numero, as esperanças que dava a infancia de huns, as allianças, os ditos, as acções dos passados. Estas ideas fazião cortejo ao seu coração, ainda mais do que ocupavão o seu entendimento. Era huma precisão moral de fallar nelles, pera tornar a sentir o gosto que essas memorias lhe cauzavão. Bem sey que a ventagem de se ver chefe de huma muito illustre e propagada linhagem, hê das mais lizonjeiras ao amor proprio, por ser das que se não alcanção, e das que o nacimiento a raras pessoas concede, mas o amor sincero dos seus hê huma virtude, e as circumstancias que facilitão a practica de huma virtude longe de diminui-la<sup>14</sup> contribuem a faze-la<sup>15</sup> mais firme.

Foy o senhor marquez duas vezes casado, a primeira com a senhora D. Helena Mascarenhas filha dos terceiros condes de Obidos, de quem ficou viuvo, em idade de 19 annos a segunda com a senhora D. Eugenia de Menezes herdeira da caza de Tarouca. Quarenta e seis annos durou esta união na maior pãz e concordia, e virão seus filhos, e os filhos de seus filhos juntos ao redor da sua meza, e servindo de consolação a seus ultimos annos. Faleceu a senhora marqueza a 16 de Outubro do anno passado, e o senhor marquez já fatigado de huma dilatada enfermidade, não pode resistir a este golpe, e faltou-nos a 27 de Fevereiro, despois de ter dado aos seus e aos estranhos o exemplo de hum sofrimento e constancia, que a religião apoyava, e que ella certamente corouu.

<sup>14</sup> *diminuilla*, no manuscrito.

<sup>15</sup> *fazella*, no manuscrito.